OS PERIGOS DE UMA ESPIRITUALIDADE DESENCARNADA NO MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

1 As dificuldades

Falar de espiritualidade é falar de "perigos". Tal e como hoje algumas pessoas entendem e praticam a espiritualidade em alguns movimentos, e naturalmente no MFC. Às vezes eu sinto um certo medo. É perigoso mesmo. Nosso Movimento Familiar Cristão corre o perigo de envolver-se ou misturar-se com certos movimentos que estão na moda no Brasil que são marcadamente Carismático-Pentecostais ou outras tendências. Estes Movimentos têm sem dúvida coisas boas, porém correm o perigo de ser "alienados e alienantes".

Todo o mundo sabe que Espiritualidade vem de "espírito". Mas para muitas pessoas, o espírito se contrapõe à matéria, ao corpo, a aquilo que não podemos ver, tocar, aquilo que não é próximo, isto é, aquilo que está longe , inclusive poderíamos até dizer que é alguma coisa que não é nosso. Por isso para alguns cristãos a espiritualidade é alguma coisa que entra em confronto com a felicidade humana, com o prazer, com as coisas "boas" deste mundo. Sendo assim, é espiritual a oração e os sacramentos, no entanto festejar o Carnaval é considerado como uma coisa mundana..., e as pessoas que "não pulam o Carnaval" se acham melhores.

Explicação: Tal vez tem a ver com o significado da palavra espiritualidade. Durante muitos séculos a palavra espiritualidade tem sido associada á negação do "corporal", da matéria, e esta (a matéria) foi chamada também de "animalidade".

A palavra "espiritualidade aparece a primeira vez numa carta do pseud. Jerônimo. O autor parece que foi Pelagio ou um dos discípulos[1]. A imprecisão que ele deu a este termo se manteve até

[1] **Pelagio** monge Irlandês (350-425), defendia a "força de vontade" de cada homem para se salvar sem necessidade da ajuda da graça de Deus.

o século XI, quando Berengario de Tours[2] se serve deste termo na sua interpretação da presença de Cristo na Eucaristia. Interessante que para este autor "espiritualidade" se contrapõe a "sensualidade"[3]. No século XII, o monge de Beauvais, Gilberto de Nogent, fala de espiritualidade como o contrario ás fantasias que expressam as poesias. Mais exagerado é ainda Guilhermo de Auvernia, que contrapõe a espiritualidade á brutalidade ou animalidade[4]. Já Santo Tomás fala de *spiritualitas* no sentido ascético e distingue como que três graus nessa ascese segundo o nível de controle da *carnalitas* : o 1º grau corresponde às virgens; o 2º grau corresponde às viúvas, e o 3º grau às pessoas casadas. [5]

Em todos estes casos, a espiritualidade é o que é oposto ao corporal, á sensualidade e em alguns autores á brutalidade ou animalidade. Por tanto podemos concluir que a espiritualidade nasceu unida ao desprezo pelo sensível e pelo corporal. Este pensamento vai-se manter por vários séculos. Por exemplo, Juan de Gerson, no século XV vai entender que a espiritualidade é o que caracterizava a São José, o qual era tudo pureza, tudo castidade[6]. Então a espiritualidade para estes autores é a negação do uso da sexualidade.

No fundo destes pensamentos o que está em jogo é a contraposição entre o humano e o divino. Sendo assim a espiritualidade ficaria dentro da esfera do divino, sendo que o humano deve ser deixado de lado, reprimido ou pelo menos deverá ser submetido ou "controlado".

Um exemplo relativamente recente de apenas um século atrás é o de Auguste Saudreau, no seu *"Manuel de Spiritualité"*, no qual define espiritualidade como "a ciência que ensina a progredir na virtude, especialmente no "amor divino". O amor humano, as lutas e o engajamento nesta vida e para esta vida, através dos movimentos sociais ou políticos, sobretudo o "gozar", as alegrias e o passa-lo bem nesta vida ficaram deixados de lado, ao margem da espiritualidade e incluso contra ela. Isto quer dizer que o mais humano foi deixado de lado, alheio e bem longe da espiritualidade e para muitas cabeças isto está até em oposição. Por isso que hoje em muitos ambientes e para muitas pessoas adentrar-se no mundo da espiritualidade é pouco menos que renunciar a uma porção de si mesmos, ou simplesmente mutilar-se. Para muitos adentrar-se na espiritualidade pode significar renunciar ao irrenunciável. Alguns cristãos acham que o engajamento nos Movimentos Sociais a favor da família, não são uma forma valida de evangelizar, mas sim que é ficar nas Igrejas Templos

[2]**Berengário de Tours** (ca. 1000 - 1088) foi um teólogo cristão do século XI, nascido na França . Ocupou o cargo de mestre-escola na escola catedral de Chartres, e se notabilizou por pregar o uso da razão e da lógica nos domínios da fé, pois essas seriam um presente de Deus. Ao fazer isso ele chegou a negar a possibilidade do milagre da transubstanciação, pois o pão não poderia conter características independentes de sua substância.

[3] *De sacra coena adversus Lanfrancum*, 37, Ed. De BEENKENKAMP, Dem Haag, 1941, Pag. 106

[4] *De anima*, c.5, XII, em Opera, 2/2, 130 a-b. Cf. A. Solignat, o.c.,p. 1145.

[5] *In IV Sent.* d. 49,q.5, a.2, sol.3.

[6] *Outres considérations sur Saint Joseph*, em P.Glorieux (Ed) , *Lóeuvre française VII, Desclée*, Paris, 1966, pag 95.

para ajudar ao pároco nas liturgias do Domingo. O Movimento Familiar Cristão é para evangelizar sobretudo fora dos templos como Família às Famílias.

2 Uma espiritualidade que não podemos aceitar

Por aquilo que tenho escrito podemos compreender que entendida assim a espiritualidade, esta é inaceitável para a maioria da humanidade. Isto é facilmente compreensível porque todos nós queremos ser feliz, realizar-nos plenamente, etc. Por isso que uma espiritualidade que entra em conflito com as aspirações mais profundas do ser humano tende ao fracasso. Tal vez por isso nosso Movimento Familiar Cristão fica sem jovens, sem homens e aos poucos sem mulheres, ficando apenas aquelas pessoas que tendo já vivido bastante e vendo a proximidade do fim nesta vida..., querem ou pretendem assegurar-se a outra. Sendo assim nosso Movimento está rapidamente envelhecendo.

Por outra parte tem grupos de cristãos hoje, católicos ou não, que procuram apresentar a "mercancia" da espiritualidade com uma nova embalagem mais atrativa para tentar atrair os clientes, mas com o mesmo conteúdo. Vejam por exemplo os grandes eventos dos padres cantores... Os mega eventos de cantores católicos. Os carnavais Católicos... Milhares de pessoas concentradas... para rezar...., mas e depois? Não aumentam os catequistas, nem se engajam nas Pastorais... Quero dizer que não se trata de apresentar uma espiritualidade mais atraente, mas de apresentar uma espiritualidade "autentica" e coerente com o que deve ser humano ajudando-nos no conhecimento do mesmo, das modernas ciências como pode ser a sociologia e psicologia. Coerente então com o Evangelho o qual não é um projeto que entra em conflito com o ser humano, senão que ao contrario é o único que dá sentido pleno, e Nele podemos nos realizar plenamente.

Não podemos falar, desde uma teologia sã, do "humano" e do "divino", como se fossem dois planos totalmente separados. Também não podemos falar do "natural" e o "sobrenatural" como coisas diferentes, e ainda menos poderemos falar como se fossem realidades opostas. Deus desde sempre quis que o ser humano existisse agraciado com um destino divino. Sendo assim desde já e agora, nesta vida o dinamismo humano está embebido pelo sobrenatural e o divino.

Com isto quero dizer que uma pessoa que atua retamente, mesmo que a atuação dela aparentemente não tenha nada a ver com a religião (por ex. um pedreiro), se relaciona com Deus e se une a Deus. Sendo assim o trabalho, o descanso, o prazer e as ações mais simples possíveis e aparentemente mais comuns, na realidade nos aproximam e levam a Deus. Aproximam-nos de Deus, e tem um profundo significado e sentido religioso, mesmo que não nos demos conta disso. Assim de

humana é a ação de Deus em nós. Com isto não quero diminuir nem marginalizar a ação que em nós cristãos têm os atos "propriamente religiosos".

A dificuldade que temos em entender a espiritualidade é que se tem marcado demais, se tem acentuado muito a diferença e a distância entre "espírito" e "matéria", entre o "divino" e o "humano", entre o "religioso" e o "profano", entre o "eterno" e o "temporal". Desta maneira, a espiritualidade tem se distanciado muito de "setores" que são inteiramente fundamentais na vida das pessoas como, por exemplo, o psiquismo, a historia pessoal, as referências familiares, culturais etc.

Muitas vezes não só se tem esquecido todos estes fatores, mas também, tem-se confrontado, negado, etc. Por isso não podemos ficar admirados de que os "espirituais" e as "espiritualidades" se vejam muitas vezes esquecidas e jogadas no lixo.

3 Que entendemos por espiritualidade em diálogo?

O teólogo espanhol Juan Antônio Estrada, define espiritualidade como "a vida conforme o Espírito, isto é, a forma de vida que se deixa guiar pelo Espírito de Cristo[7]". Também Saturnino Gamarra diz que "é comum apresentar a espiritualidade como sinônimo de "viver sob a ação do Espírito". Se entendemos desta maneira, a espiritualidade integra toda a vida da pessoa e a pessoa toda. Não só o espírito, ou só mente o corpo, ou apenas a sua individualidade, mas também as suas relações sociais e públicas, a sua condição de membro da Igreja e de cidadão do mundo. Entendida assim a espiritualidade poderemos superar o velho dualismo entre alma e corpo, espírito e matéria, espiritualidade e animalidade. A espiritualidade então interessa e afeta a tudo o que o homem e a mulher são na sua existência concreta. Temos então que tirar o receio e as suspeitas de que vivendo uma autêntica espiritualidade vamos ter que renunciar a uma parte importante de nós mesmos. Ao contrário vivendo uma intensa espiritualidade nos realizaremos em plenitude e seremos mais plenamente nós mesmos. A espiritualidade bem entendida e bem praticada nos empurra a realizar as nossas aspirações mais profundas.

Mesmo que isto pareça claro, é preciso aprofundar mais no que entendemos quando falamos de uma "vida que se deixa guiar pelo Espírito". Trata-se claramente da lógica do Espírito de Jesus. Trata-se então do Espírito que inspira o Evangelho e que faz vida, o Evangelho. O teólogo Gustavo Gutierrez afirma que "uma espiritualidade é uma forma concreta, movida pelo Espírito, de viver o

[7] J. A. Estrada, *La espiritualida de los laicos*, Ed. Cristiandad, Madrid, 1992, pag.14

Evangelho[8]". Também outro teólogo, Segundo Galileia, diz que a espiritualidade é "uma maneira, um estilo concreto que temos os cristãos de viver o Evangelho, sempre motivados pelo Espírito[9]".

4 A espiritualidade e a vida (também a psíquica).

Segundo todo o dito até agora podemos perceber que a espiritualidade para o cristão "*é a vida tomada a sério"*, ou se você quiser "*é uma forma de viver a vida"*. É viver o Evangelho, todo o Evangelho com radicalidade.

Mas ..., que significa esta radicalidade? Muitos cristãos identificam radicalidade evangélica com renuncia a tudo o que gostamos e também com a cruz que costuma ser identificada com uma vida de muito sofrimento e morte, e por tanto alguns cristãos lhe dão um valor de salvação em si mesma. Desta maneira, viver o Evangelho é para eles viver na renuncia mais absoluta, porque isso é o que parece agradar a Deus.

No século XV, um famoso padre chamado Thomás de Kempis escreveu o famoso livro "A imitação de Cristo[10]". Ele tem um trecho que diz o seguinte: *"Se houver alguma coisa melhor e mais útil do que sofrer, Jesus Cristo nos teria ensinado com as suas palavras e o seu exemplo... Quando você chegar a encontrar o sofrimento doce e amá-lo por Jesus Cristo, então se considere bem-aventurado porque você encontrou o paraíso na terra".*

Esta forma de falar tem o perigo de dar a perceber não só que Deus *"permite o sofrimento",* mas até que Lhe "agrada o sofrimento dos seres humanos". Por isso que às vezes a linguagem do "ascético" está à beira do limite do absurdo, o doentio, o irracional e até quase o blasfemo.

Este tipo de "espiritualidade" apresenta um Deus que precisa de sangue, da dor, do sofrimento e da morte para ficar contente e acalmar-se na sua raiva contra as ofensas dos homens. Mesmo que a gente procure e queira enfeitar este deus, ele é monstruoso e inaceitável para o comum dos mortais. Não é por acaso que as figuras, as imagens dos santos nos são apresentadas como figuras cheias de dor e de sofrimento.

Neste sentido e com este tipo de espiritualidade a psicologia não pode concordar porque se opõe diametralmente à finalidade da mesma. A saúde mental pressupõe uma espiritualidade sã e equilibrada.

---

[8] G. Gutierrez, *Teología de La Liberación,* Ed. Sígueme, Salamanca, 1990, pag. 244

[9] S. Galileia, *Vivir el evangelho em tierra extraña,* Ed. Indo-Americam Press, Bogotá 1976, Pag. 7

[10] *Imitação de Cristo*, II, 12.

Frente a tudo isto, devemos dizer bem alto que o Deus dos cristãos que é o mesmo que o Deus de Jesus de Nazaré, um Deus cheio de amor, de bondade e misericórdia, *não quer que seus filhos sofram*. No mundo existe o sofrimento porque a vida terrena é limitada. Esta limitação leva as pessoas a enfermar, a sofrer, a envelhecer e morrer. Mas também devemos perceber que muitos sofrimentos humanos são produzidos pelo comportamento injusto e egoísta do ser humano. Aliás, se Jesus sofreu foi precisamente porque se opôs radicalmente ao sofrimento humano. Por isso Jesus enfrentou a religião do seu tempo, os sacerdotes, a instituição sagrada, que em lugar de aliviar o sofrimento humano, o provocavam e o agravavam. Não podemos esquecer o mistério insondável da liberdade humana que frequentemente se inclina ao mal, ao egoísmo e a fazer o mal ao próximo. É o velho problema... como explicar o mistério do mal e as possíveis implicações como ...o pecado, a condenação etc. e fazê-lo compatível com esse Deus bom que é amor e misericórdia?

O único sofrimento que Deus quer é aquele que brota da luta contra o sofrimento.

Deus quer igualmente que cada um de nós nos convertamos e não façamos mais nenhum mal a ninguém nem sejamos "produtores de dor", mas sim de alegria, justiça, amor e paz. Esse então será o único sofrimento que Deus quer.

Todos nós temos experiência de que na medida em que nos esforçamos por mudar as injustiças, por aliviar o sofrimento da humanidade etc., teremos que enfrentar as incompreensões, os conflitos e até possivelmente a morte.

A espiritualidade da que falamos é daquela como a entendia Pe. Maximiliano Kolbe, Monsenhor Oscar Romero, Dom Helder Câmara, Martin Luther King, Irmã Doroti e outros tantos, mártires, leigos, leigas, religiosos, religiosas que deram sua vida no serviço de aliviar o sofrimento humano.

4.1 Estrutura de uma espiritualidade cristã.

Quando a espiritualidade se estrutura a partir do projeto da própria perfeição existe o perigo do individuo, sem perceber, ficar apenas centrado em si mesmo. É o que em psicologia chamamos de "egocentrismo" e é uma das características das crianças. Logo podemos dizer que, a nível espiritual, é também uma característica de quem não cresceu espiritualmente. Nesse sentido com a melhor boa vontade do mundo podemos estar fomentando o maior egocentrismo ou egoísmo e como consequência o mais profundo dos orgulhos. A tudo isto se ensinava o ter muita força de vontade. Tudo se podia alcançar com a força de vontade. Sendo assim o sujeito centrava e concentrava todas as suas forças em si mesmo e nas próprias forças. Era o puro voluntarismo o que lhe ajudava a alcançar a santidade tão procurada e desejada. Durante muitos séculos nos conventos, seminários,

noviciados etc., se têm vivido este tipo de espiritualidade. Nos nossos dias é também ensinado nos "novos movimentos da Igreja". Por isso que não é raro encontrar nestes ambientes pessoas "muito espirituais", mas que são pessoas aferradas ás suas ideias e aos próprios interesses. Pessoas impositivas e dominantes, intolerantes que sempre têm a razão e que dizem sempre ter, por exemplo, obedecido, aos superiores, à esposa ou ao marido, mas que sempre fizeram o que quiseram, e os que moravam ao redor sempre dançaram ao som da musica delas. Não era raro encontrar pessoas que eram "santas" e faziam "mártires" ao seu redor.

Por tudo isto é preciso colocar claro os critérios de uma boa fundamentação para a espiritualidade cristã. Os discípulos tiveram que fazer isto, e nós também se queremos fundamentar a nossa espiritualidade como MFC.

1º - Seguir a Jesus. Estou dizendo seguir a Jesus. Não estou dizendo seguir uma ideia. Seguir a Jesus significa seguir uma pessoa. Seguir esta pessoa significa deixar as outras com as quais se estava antes. Significa deixar o enterro do próprio pai (quer dizer nossas tradições não cristãs), não despedir-se nem da própria família, nem ainda ter uma pedra onde reclinar a cabeça (Mt 8, 18-22; Lc 9,57-62) . Mesmo fazendo as explicações destes textos, temos que ter em conta que em todos eles é comum o desejo de não estar atado a nada e a ninguém para poder estar disponível.

Neste sentido Santo Inácio fala nos seus exercícios espirituais, que *estar disponíveis* para a causa do Reino de Deus é o principio fundamental da espiritualidade cristã. Isto é, ser indiferentes à saúde ou à enfermidade, ante a riqueza ou a pobreza, diante do honor ou a desonra, diante da vida longa ou curta *(Exercícios Espirituais, Nº 23).*

Se a gente deve procurar a liberdade, não é porque nos faz mais perfeitos, mas porque nos faz livres para a construção do Reino de Deus.

Sendo assim o centro desta Espiritualidade se dá na dedicação, na entrega e até na luta pelo Reino.

É por isso, que o sinal maior da nossa conversão ao Reino é o compromisso e a luta por um mundo mais justo e fraterno. Conversão é o nosso compromisso e o nosso interesse pelo respeito e a dignidade das pessoas e em especial das Famílias e da Grande Família que é a Humanidade. Em definitivo o que pretendemos com a nossa conversão não é outra coisa a não ser como nas famílias de antes, sermos todos iguais e solidários uns com os outros, dando maior atenção àquele membro da família que mais precisar porque está sofrendo mais.

4.2 O perigo do “intimismo”.

Só construindo o Reino de Deus é que a espiritualidade se verá livre do subjetivismo intimista e do perigo do egocentrismo que tantas vezes tem viciado esta espiritualidade. Neste sentido temos que ter em conta que o projeto de Deus mais do que ser um “projeto de atividade pastoral, é um projeto de humanização das pessoas”. Trata-se de um projeto de vida e de felicidade especialmente para todos os que sofrem.

Dito de outra forma, a espiritualidade tem-se caracterizado pelo desprendimento e a renuncia dos bens deste mundo e por um modo de vida austera, mas não costuma questionar as verdadeiras causas da opressão e exploração que sofrem os pobres, os migrantes, os marginados, os doentes, os anciãos e crianças, os excluídos sociais. Tivemos então, durante séculos uma espiritualidade mais preocupada com a virtude da pobreza do que pelas causas da mesma, isto é, uma Igreja preocupada mais pela santidade do “espiritual” do que pelo sofrimento dos necessitados.

Dom Helder Câmara disse: “Quando alimentei os pobres chamaram-me de SANTO, mas quando perguntei por que há gente pobre chamaram-me de COMUNISTA”. O MFC durante muito tempo teve fama de “Movimento Vermelho” nos tempos da ditadura militar... agora nos perguntam..., vocês ainda existem? . Quem tenha ouvidos que ouça...

Fique claro que não estou querendo substituir uma ascética por uma luta social. O que proponho é sermos livres para poder aliviar ou mesmo acabar com o sofrimento e a humilhação das vítimas deste mundo.

4.3 O valor das práticas espirituais (expressões de fé)

Ao falarmos de espiritualidade, não podemos esquecer-nos da oração e das celebrações desta fé: todas estas expressões devem ter seu fundamento na opção pelo seguimento de Jesus. Não sendo assim, facilmente serão sinais de “neuroses religiosas” e neurose é doença da psique.

Se estas expressões de fé surgem do medo ao além, de uma vontade de pagar a Deus com sacrifícios e sofrimentos (sofrer por Deus), ou como uma maneira de alcançar “graças”, “curas” etc.., a isto a psicologia vai chamar de “neuroses religiosas” ou de expressões mais o menos histéricas.

Porém, toda manifestação de Fé que parta de um seguimento à pessoa de Jesus, que parta de um encontro pessoal com ele, de um relacionamento com a pessoa de Jesus, é valido. Mas, temos que precisar: toda relação interpessoal, se for verdadeira e autêntica, exige um diálogo, uma presença, uma intimidade de coe-fusão. Isto é o que podemos chamar de verdadeira oração. Se isto não se der, a dita “oração” será na realidade uma ideologia, uma histeria individual ou coletiva. Uma

verdadeira oração o inquieta, não o deixa em paz, produz intranquilidade. Se produzir sempre tranquilidade... Cuidado! Pode ser uma oração enganosa. A gente sabe muito bem que existem pessoas que rezam muito, mas essa oração as leva a ficar sempre bem com elas mesmas, tranquilas, sem preocupar-se com os outros e menos ainda fazendo-se solidários com o sofrimento das pessoas. Essas pessoas não complicam sua vida em prol de uma maior justiça. A oração pode ser para essas pessoas como um placebo que impede enxergar o quanto a nossa vida está longe do seguimento de Jesus.

A celebração dos sacramentos é essencial para a vida dos cristãos, especialmente a celebração do Batismo e Eucaristia. Porém estes sacramentos exigem uma dimensão de celebração que não podemos esquecer e menos deixar de lado.

Isto é, uma celebração dos sacramentos tem implicações no nosso agir. Também não podemos esquecer que estas celebrações têm o caráter de ser comunitárias. Com isto, quero alertar para não cair o MFC no individualismo, seja pessoal, seja do casal, seja da própria família, que tantas vezes tem caracterizado e prejudicado seriamente a espiritualidade de alguns cristãos.

RESUMINDO OS "PERIGOS"

- Separar a vida de Fé e Espiritualidade e a Vida de cada dia.
- Separar o Corporal e o Espiritual.
- Separar a Fe e a razão.
- Separar o Divino do Humano, Jesus (Divino e Humano)
- Separar Corpo e Alma.
- Separar a Alegria do Sofrimento.
- Separar os valores terrenos e os Espirituais.
- Separar a Eucaristia (Missa) do Amor e a "Comum-união" com todos.
- Separar o amor a Deus do Amor aos Irmãos

Pe. Juan Manuel Rodriguez Martin (MCCJ)